Espaço Pró-Leitura | *Jornal A Voz da Serra*

Em pouco tempo de existência, Secretaria de Promoção da Leitura de Nova Friburgo, sob a gestão de Gregório, deu voz a quem se dedicava às questões da leitura, da escrita e da contação de histórias. A coluna Espaço Pró-Leitura buscava esses muitos fazeres pela cidade e também trazia experiências de outros cantos do país. As crônicas transitavam entre a mitologia, a cidadania, os contos populares e a atualização sobre o andamento de projetos e iniciativas voltados à promoção da leitura.

Música para professores

Sempre contei histórias para as minhas turmas, mesmo antes de trabalhar em Sala de Leitura, mas o porquê de contá-las mudou ao longo do processo de me fazer professora. No início, eu contava histórias somente no final da aula, para acalmar as crianças e prepará-las para ir para casa.

Conforme foi passando o tempo, fui pensando junto com outras professoras. Se queríamos que nossos alunos se tornassem bons leitores e escritores, as histórias não poderiam ser simplesmente usadas para "acalmá-las" e deveriam ser escolhidas com mais critério. Se queríamos que eles entendessem a importância da leitura, deveríamos elevar este momento ao seu devido patamar de relevância em nossas aulas.

Então, mudamos tudo. O "momento da historinha" passou a ser "Leitura compartilhada" e deixou de acontecer no final da aula. Só começávamos o dia depois da leitura. Os textos não eram mais daqueles livrinhos que adquirimos por um real a dúzia, cujas histórias são mutiladas para caberem ali, passamos a usar os contos de Andersen, Perrault, dos Grimm, Monteiro Lobato, e outros.

Dessas leituras a que mais me marcou foi a leitura em capítulos do livro "O irmão que veio de longe", de Moacyr Scliar. Sempre que eu parava a leitura e deixava "as cenas do próximo capítulo" para o dia seguinte, eu escutava um estrondoso "Ah! Conta mais um pouquinho!" Esse som era música para os meus ouvidos! Eu os ouvia na hora do recreio imaginando o que iria acontecer, defendendo e odiando este ou aquele personagem. Uma delícia!

Desta história também analisamos alguns fragmentos para vermos como Moacyr construiu bem determinadas imagens e emoções. Numa parte do texto ele escreve: *"Preciso dizer que foi um choque? Foi um choque. Um choque para nós, e pior, um choque para mamãe"*. Quando perguntei o que chamava atenção neste fragmento, uma aluna indicou o fato da palavra *choque* aparecer quatro vezes, uma tão perto da outra e que isso ia contra ao que aprendiam sobre evitar repetições nas produções escritas. Aí, um outro aluno falou:"eu acho que ele fez isso porque foi muito chocante!" Risada geral da classe e uma professora pisando em nuvens.

Os anos se passaram e eu me tornei professora de Matérias Pedagógicas no curso Normal do C.E. Mª Zulmira Torres, em Cantagalo. Ainda começo minhas aulas com leitura compartilhada. Não consigo pensar numa formação de professores onde a leitura não seja privilegiada.

Recentemente, também li para elas "O irmão que veio de longe" em capítulos e, cada vez que eu fechava o livro, ouvia: "Ah, professora! Conta mais um! Só vamos nos ver na semana que vem!" Bem, por serem mais velhas que meus alunos do 2º ano, elas tinham mais argumentos... Lia sempre mais de um por dia...

Ivânia Barbosa Gomes, moradora de Friburgo, professora em Caxias e Cantagalo,
participou da Oficina de Contadores de Histórias promovida pela Secretaria pró-Leitura.

A arte de contar e ouvir histórias e seu efeito transformador e curativo

O trabalho com as histórias é um precioso instrumento que tem como proposta observar os sentimentos, as percepções, as atitudes e os comportamentos.
Nosso objetivo principal é aprofundar a expressão e a compreensão do que ocorre na história de vida do indivíduo levando-o a compreensão do que ocorre na história de vida do indivíduo levando-o a manifestar por intermédio do dialogo e da reflexão suas ansiedades, necessidades e desejos, revisitando os "becos sem saída" que a vida apresenta para que possa encontrar o seu verdadeiro caminho.
A causa energética de sentimentos difíceis não se elimina com facilidade. Esta "causa" fica represada dentro de nós, e como toda energia emocional acumulada acaba vazando em forma de sintomas neurológicos, fisiológicos ou comportamentos destrutivos.
As histórias falam num nível muito mais profundo e imediato do que a linguagem cotidiana.
A imagem metafórica proporciona meios para observar os sentimentos a uma "distância segura". Ela impede que os sentimentos se avolumem e se transformem numa terrível confusão interior.
O uso da história mostra como recorrer à ajuda da imaginação para lidar com os sentimentos, pois a ruminação mental tende a remexer as ansiedades e vozes críticas interiores. A história desencadeia um olhar aos sentimentos perturbadores.
O poder deste método é que podemos nos beneficiar ao "ingresso" para o mundo interior.
Quando a história é bem escolhida, a escuta é atenta, porque você entra no mundo do individuo com cuidado e compreensão.
Uma história terapêutica fala de questões e problemas emocionais comuns, mas fala dentro do domínio da imaginação e não dentro do domínio da cognição...
Ela faz com que a pessoa a compreenda sinta com mais clareza, proporcionando uma empatia e uma verdade mais profunda do que é possível por meios de palavras literais.
A história apresenta esperança e possibilidades em forma de mecanismos mais saudáveis e criativos.
No universo da história, ela encontra ferramentas para soluções mais ricas e gratificantes. Oferece novos modos de pensar sobre seus sentimentos mais difíceis.
Todo sentimento doloroso ou intenso demais exige tempo para reflexão. Uma história proporciona esse tempo.

Vera Lúcia Seixas Bello é psicóloga e terapeuta de família e casal. Criou a Casa dos Contos e Saber no cônego na qual promove grupos de estudos e workshops.

Contato com a secretaria: sproleitura@pmnf.rj.gov.br ou pelo telefone: 2521.1721

Espaço Pró-Leitura

Leitura e Cidadania A primeira Secretaria de Promoção de Leitura do Brasil.

Faz duas décadas a UNESCO percebeu que nos países em desenvolvimento e mesmo nas sociedades avançadas, a leitura era uma prática capaz de manter os cérebros ativos e criativos, um fator decisivo no fortalecimento da educação e na qualidade de vida da população, influindo sobre o desenvolvimento socioeconômico, na formação de uma cidadania responsável e crítica, e de uma sociedade mais solidária e menos violenta.

Nova Friburgo tem a chance de se tornar o primeiro município brasileiro a se transformar em cidade leitora e esta experiência será uma referencia para o Brasil, acompanhada de perto pelo Cerlalc/Unesco. O Ministério da Cultura, apoia, investe e quer ter o registro do que aqui se desenvolverá com modelo próprio, ditado por seus habitantes e instituições, públicas e privadas. O plano municipal de leitura é uma costura de iniciativas existentes e por existir, sustentada pelo poder público e pela sociedade civil.

Jovens, adultos, profissionais, escolas, redes sociais, entidades de classe todos **podem** e **devem** participar. Basta querer abrir mente, coração e olhos para a **palavra, - esta criação tão especificamente humana, que nos desembruteceu** - e se integrar nas ações de leitura nos hospitais, salas de aula, transporte, espaços da justiça, associação de moradores, etc.

Não se trata de uma secretaria a mais e sim de uma iniciativa para otimizar o fazer inter-secretarias, para pensar uma atuação conjunta: podem-se melhorar os índices de saúde da população se a leitura entrar nos lares e hospitais? A leitura literária pode ajudar no meio ambiente, comercio, e na qualidade da vida social? A narrativa exercita a inteligência e sensibilidade pessoais?

A formação de leitores, efetivamente, - não dos que respondem fichas de leitura encartada em livros, nem dos que são obrigados a ler para prestar exames, - pode realizar os que muitos nem aspiram por se considerarem incapazes de opinar e de interferir: um leitor é em princípio um eleitor, alguém que escolhe, sem barganhas, quem pode atuar pelo desenvolvimento social, cenário de possibilidades para todos, democraticamente. Por isso tantos se opõem a uma população leitora, capaz de juízos e tomada de posição. Ser leitor é ser capaz de decidir o sentido das coisas, em qualquer situação com discernimento e liberdade.

Eliana Yunes - Cátedra Unesco de Leitura PUC-Rio

Contato com a secretaria: sproleitura@pmnf.rj.gov.br

14.09.2010

De banquetes e labirintos.

Sei que você deve conhecer *A festa de Babette*, a história de uma francesa refugiada, sua chegada a um vilarejo e a transformação que ali provoca: ao receber uma fortuna, ela decide gastá-la oferecendo um banquete à pequena comunidade inicialmente aterrorizada com a sedução, mas, ao fim, deliciada.

Poderíamos ler o filme pensando no significado de um banquete: fartura e acesso a tudo o que é ofertado, a delícia dos sabores, o compartilhar à mesa com outros convidados, a beleza criada por aqueles que possuem os segredos e a experiência alquímica com os alimentos, a festa dos cheiros, da mesa posta, do riso possível, do gosto a ser saciado.

Assim também com a **biblioteca**. Quando penso nela é um banquete o que vejo: variadas maneiras de ler o mundo, palavras, ideias organizados para que tudo se possa acessar. Porém, ao contrário daquele banquete "real", que poderá reviver somente pela memória, a biblioteca é um banquete sem fim, ao permitir constantes releituras.

Sendo assim, as bibliotecas devem parecer mais com refeitórios que com armazéns. Se forem como esses, são passivas, só um lugar para estocar informação. Para serem como refeitórios, há que dinamizá-las, torná-las vivas como o calor do fogo que tudo transforma. Oferecer palavras e conhecimentos em um sedutor banquete a ser compartilhado.

Escolhas – eis o tema de nossa conversa. Pois ao transformá-la num organismo pulsante de vida, providenciando com ela um banquete de leituras, o que de verdade se faz é escolher sua modificação profunda: a biblioteca é então mais que um espaço cercado de livros por todos os lados.

Compreender bibliotecas como algo que envolve acervo e, principalmente, leitura é escolher a ação cultural como pressuposto básico. Pois, afinal, é de construção de conhecimento que falamos, é de significação. Em lugar de matar a imaginação, provocá-la. Ao invés de trabalhar ao modo de uma "educação bancária", preferir o reencantamento dos aprendizados pela leitura, com a literatura.

Por isso hoje, nas bibliotecas, o festim das narrativas é ofertado a nós todos, seduzidos pela palavra, pela letra e o que elas nos possibilitam: o gosto, o sabor dos saberes, um banquete, enfim, nos tornando companheiros.

Quando penso no meu fazer bibliotecário, sempre me questiono sobre três coisas fundamentais: que é isto que faço e para que serve? que marcas nisto estarão sendo gravadas? serei, afinal, tal como Ariadne?
Ariadne, a do labirinto, conhece? Bom, essa é uma outra história e fica para a próxima vez.

Nanci Gonçalves da Nóbrega - Professora da Universidade Federal Fluminense, atualmente coordena, como pesquisadora do CNPq, a Biblioteca de Leitura e Literatura Infantil e Juvenil da Cátedra UNESCO de Leitura PUC-Rio. Contato com a Cátedra pelo telefone: (21) 3527.1960
Contato com a secretaria: sproleitura@pmnf.rj.gov.br ou pelo telefone: (22) 2521.1721
18.10.2010

Espaço Pró-Leitura
Sonhos

Numa caverna fica o palácio de Hipnos, Deus do Sono. Lá, este Deus sonolento vive com seus filhos, entre eles Morfeu, Deus dos Sonhos, que percorre o mundo distribuindo sonhos tocando os mortais adormecidos com uma papoula e povoando de imagens suas mentes. Os sonhos são, portanto, – diz o mito –, essas aparições do Deus.

Muito parecido com este mito grego é o mito tupi da Kerpimanha:

Junto a Tupã, o Deus supremo, mora uma "deusa - anciã" chamada Kerpimanha. Descendo do céu pelo arco-íris ela traz os sonhos que sonhamos acordados e, pelos raios das estrelas, os que sonhamos dormindo. Como um sopro de vida, ela entra em nossos corações e de lá só sai ao despertamos. Assim, quando uma pessoa recorda seu sonho ou devaneio, encontra o recado de Tupã que a velha deixou gravado em seu coração.

Os sonhos sempre nos despertaram curiosidade. Os deuses falam através deles, os oráculos e psicanalistas tentam interpretá-los, e diferentes ciências os estudam. Enquanto isso o povo propaga: *sonhar com cobra é sinal de gravidez*, *com a própria morte de vida longa...*

Mas a necessidade de sonhar não se limita aos sonhos que sonhamos à noite tocados por Morfeu, há também a necessidade de sonharmos de olhos abertos, o que explica o fascínio dos mitos e dos contos de fada.

Utilizando linguagem onírica, eles expressam desejos universais - uma vida melhor; encontrar um par, driblar a morte -, e nos transportam a reinos distantes cheios de magia falando, no entanto, de situações bem atuais.

Quantos *João*s e *Maria*s perambulam pelas ruas sonhando com casas de doces? Quantas *Cinderela*s sonham acordadas com artistas de novelas ou jogadores de futebol? Quantas *Afrodites* lotam consultórios de cirurgiões plásticos em busca da juventude eterna?

Os contos e mitos nos dão o distanciamento necessário para ouvirmos falar de nossos sentimentos sem censura ou culpa.

Afinal, é Cinderela que espera um príncipe encantado; é João que sente medo ao ser largado à própria sorte; é o patinho feio que sai pelo mundo em busca de aceitação... tudo afastado de nós por um *Era uma vez...* no entanto, estranhamente familiar.

Seja através da figura de Kerpimanha, chegando pelo arco-íris, seja através de Morfeu, pelo suave toque da papoula, ou pelas histórias que lemos ou ouvimos, os sonhos, colorem nossas vidas. Sem eles, ficaríamos paralisados diante de nossa pequenez e impotência face ao mundo que nos cerca.

Maria Clara Cavalcanti – contadora de histórias e subsecretária de Pró-Leitura.

Uma Bailarina Leitora

A moça é friburguense, bailarina, coreógrafa, professora de dança, produtora, e diretora do grupo Guasa. Leitora apaixonada. Encontrei-a em Goiânia, participando do Seminário Internacional de Políticas e Práticas de Leitura. Evento organizado pela Faculdade de Letras, da Universidade Federal de Goiás e pela Cátedra Unesco de Leitura PUC – Rio, agora em setembro.

A moça se chama Vera, casada com o professor Sandro com o qual tem dois filhos. Lucas e Mila. Vera moradora de Goiânia vive com saudades de Nova Friburgo. Disse-me ela que lê nos finais de semana o jornal "A voz da Serra" e especialmente o caderno Light. Leitora assídua desta coluna envia um abraço para as professoras Lucia Raminelli e Raquel Nader, das quais lembra com muito carinho e registra que foi estimulada à leitura por elas.

Estivemos no Encontro a Maria Clara Cavalcanti, a Eliana Yunes e eu, desenvolvendo oficinas, participando das mesas de debates e contando muitas histórias. Intensos dias de mergulho prazeroso com as leituras, os livros e a convivência com os estudiosos da literatura. Boas conversas de leitores, com especialistas de Goiás, de vários outros estados e países, entre poetas, escritores e contadores de histórias.

O autor homenageado no Seminário foi o poeta goiano Gilberto Mendonça Telles, comemorou seus 80 anos de vida e sessenta de poesia. Vera Moreira celebrou a data com uma coreografia apresentada por seu grupo de dança e declamando o belo poema de Gilberto que tem como título: LEITURA.

Debrucei-me na tua janela
e olhei para fora, esperando:
era como se o capim e as árvores
me chamassem pelo nome
e me apontassem a direção do vento.

Depois olhei muito para dentro
e fui-me dando conta de que a paisagem
parecia a mesma: o capim continuava
a subir pelo morro, mas alguém
já havia gravado o teu nome
numa árvore, agora invertida,
assim como é comum acontecer na vida.

Francisco Gregório Filho

Verter

Minha mãe pedia que todos estivessem em casa às seis horas da tarde. Ligava o rádio, sintonizado na Rádio Difusora Acreana, para ouvirmos a Ave Maria. Era o momento de introspecção. Todos nós tínhamos que pensar sobre o dia e agradecer a Santa Maria. Todas as janelas da casa eram abertas e, depois de um tempo, fechadas. Se não podíamos ir para casa às seis horas da tarde, parávamos por alguns instantes e pensávamos em todos da casa, no dia de estudos, das brincadeiras, nos trabalhos e agradecíamos à Virgem Maria por mais um dia. Quando em casa, minha mãe distribuía a cada um uma colher de lambedor. Xarope preparado com mel, canela e muitas ervas. Era fortificante o lambedor. Ficava horas matutando sobre o tal lambedor. Lambe a dor.
Minha mãe gostava de reunir filhos e sobrinhos para brincar com as palavras. Inventava brincadeiras. Dizia para pronunciarmos as palavras com significados de vida e de mundo.
Minha mãe distribuía limão para todos nós. Um para cada um. Vamos rolar o limão em nossas mãos, mandava ela: observem a pele do limão, sintam a textura; pousem a vista sobre ele, olhem os verdes, os amarelos, vejam as cores, o formato, as formas, a pontinha aguda; agora cocem o limão com as unhas, façam cafuné no limão e cheirem, que perfume! que aroma! Cortava nossos limões e os espremia em nossas línguas.
Chamava a atenção para as nossas bocas cheias d'água e dizia que tínhamos virado fontes, vertentes, brotávamos água pela boca. É o paladar, dizia ela adoçando a limonada, que tomávamos pronunciando a palavra "limão". E cantávamos juntos várias cantigas de limão.
Tempos depois, lendo Paulo Freire, compreendi um pouco aquelas brincadeiras de minha mãe. Especialmente quando no *Pedagogia do oprimido* ele diz que a palavra precisa estar grávida de mundo.
Minha mãe brincava de engravidar as palavras de sentidos, de significados de mundo. Durante as oficinas, sugiro brincadeiras com as palavras, cada um traz uma déia. E eu, claro, brinco, distribuindo limões para todos, e, como minha mãe fazia, vamos descobrindo o limão sensorialmente e formando repertório de limão: remédios, chás, cremes, caipirinhas, limonadas, pavês, suflês, bolos, licores, doces, histórias de queimaduras, simpatias, limoeiros e vertemos água, muita água, uma fonte, um chafariz. E muitos, ainda hoje, gostam de ouvir a música da Ave Maria. As várias Ave-Marias. E brincamos com a *Gestalt* da palavra. Outro dia, na Bahia, trouxeram-me um *lambedor*. Bom pra danar.

Francisco Gregório Filho

20.8.2010

Espaço Pró-Leitura

Contar

Aos sete anos fui para o primeiro ano de escola. Sabia ler, aprendera com minha mãe. Sabia matemática e desenho, aprendera com meu pai. Contava histórias, recitava poesias, decifrava enigmas dos jogos de palavras, planejava cenários para as dramatizações, cantava e escrevia crônicas. Imitava os locutores das estações de rádio. Jogava bola, peteca e brincava de roda. Mas considerava-me bom mesmo em fazer pipas, papagaios, petecas, rabiolas, cerol e caixas voadoras transparentes de papel de seda de várias cores e estampas. Manuseava com sabedoria as talas, os grudes e as linhas. Aprendera com minha avó a pôr as mãos em função. Inventava regras para os jogos de macaca e de bola de gude.

Pois bem, fui reprovado na primeira série da escola. Foi assim: minha professora, numa das aulas, contava uma história em que um menino entrava numa floresta e via uma árvore – fazia o gestual de uma árvore pequena, formato árvore de Natal. Interrompi a professora para dizer que a árvore que o menino viu poderia ser diferente. Um tipo mangueira: frondosa, cheia de galhos e folhas e aquelas mangas penduradas. A professora não gostou da interrupção e ordenou que eu ficasse quieto. Reiniciou a história, repetindo o mesmo gesto da árvore. Eu a interrompi novamente e perguntei se não poderia ser um cajueiro, com galhos compridos, torcidos, folhas graúdas e frutos coloridos com castanhas nas pontas. Precisava ver minha professora. Ficou muito zangada. Parou de contar a história e disse muitas e boas para mim. Ali, na sala, na frente de todos. Disse que minha mãe não me dava educação. Que eu devia apanhar um pouco para aprender a respeitar os mais velhos, e coisa e tal. Eu, que andava com a autoestima lá em cima, perdi o rebolado. Baixei a bola e não me encontrei mais naquele ano da primeira série da escola.

Reprovado, humilhado, não sabia o que dizer. Minha mãe zangou-se com a professora. Meu pai disse que não tinha importância, foi à escola e falou para a professora: "Quem atrofia gestos atrofia mentes. Quem atrofia palavras, atrofia corações!".

Francisco Gregório Filho. Lembranças amorosas. São Paulo:Editora Global.
20.09.2010

Por uma cidade leitora

Criada no início de 2010, a Secretaria Especial de Promoção de Leitura do município de Nova Friburgo, no Estado do Rio de Janeiro se impõe como desafio formar como uma cidade leitora. Precisa e quer contribuir para ampliar e formar uma sociedade mais criativa, sustentável e participativa, promovendo a leitura, em suas múltiplas linguagens e transversalidade com outras áreas, como meio ambiente, saúde, educação, turismo, empreendedorismo, como fonte de saber e prazer.

Com a parceria da Cátedra UNESCO de Leitura – PUC-Rio e o apoio do Ministério da Cultura a secretaria se propõe a desenvolver um modelo próprio de plano municipal de leitura, reunindo iniciativas existentes e por existir, sustentado pelo poder público e pela sociedade civil, mas principalmente construído pelos habitantes e instituições, públicas e privadas da cidade.

Pensar uma secretaria voltada para a leitura numa cidade como Nova Friburgo, incrustada nas montanhas das serras do estado, segunda maior área urbana da região, considerada importante polo de turismo e gastronomia, com quase 200 mil habitantes, um povo formado por descendentes de suíços, alemães, austríacos, italianos, espanhóis, libaneses, japoneses, portugueses, entre tantos, requer que se tenha como foco essa diversidade, essa mistura que faz dali um lugar privilegiado, onde as muitas culturas convivem e tornam a cidade singular. Que lugar reúne ao mesmo tempo uma queijaria escola, um jardim de esculturas feitas na terra e no limo a céu aberto, como o Jardim do Nêgo? Um lugar que é urbano, considerado destacado na indústria de moda íntima no estado e mesmo no país e ao mesmo tempo favorece a prática de esportes radicais, como canoagem, montanhismo, rapel e trekking? Uma mistura de saberes e fazeres que faz dali um lugar diferente e que portanto precisa que suas práticas e vivências sejam respeitadas em suas diferenças e, ao mesmo tempo, apropriadas pelas políticas públicas sejam elas para qualquer área.

Assim entendemos que não se parte do zero na construção de uma política para a leitura e formação de leitores. Ao contrário, as experiências anteriores, as práticas em curso, o convívio com as demais áreas, como a cultura ou o meio ambiente precisam ser levadas em conta e estimuladas. Ao mesmo tempo é preciso reconhecer as limitações das instancias públicas e convocar a sociedade a se engajar no movimento em prol de um programa que seja agregador da diferença, potencializador do já existente, mas que favoreça as condições para o florescimento de novas práticas e novas abordagens nesse campo tão mágico e instigante que é o ato de ler.

A cidade é um convite à leitura. Ler as suas casas, suas ruas e praças, as montanhas que a transformam num vale quando vista do alto. Ao gestor público cabe criar os meios, as novas práticas que sirvam de exemplo e referência e que tenham como pressuposto que a leitura é instrumento essencial para o exercício pleno da cidadania.

Formar agentes de leitura com referencial teórico e capacidade de multiplicar em ação o lido e o estudado, janelas de leitura e bancas Itinerantes, oportunizando a vivência com a leitura como fonte de prazer e saber. Disponibilizar de encontros, círculos de leituras, tornar a biblioteca pública espaço de convívio dessas novas práticas, promover laboratório de práticas leitoras, criar centro de referência sobre leitura, casas de leitura, espaços para cursos, exposições, projeções de filmes, círculos de leitura, encontros com autores, palestras, recitais, etc.

Não se pode esquecer também a vertente da economia da cultura e o necessário entendimento com todos os segmentos da cadeia produtiva do livro (editores, profissionais do livro e livreiros)

---

para incrementar uma dinâmica produção, envolvendo poetas, escritores, narradores da memória social do município.

Há também no país experiências bem sucedidas no campo da leitura, como as casas de leitura implantadas no Acre ou o programa de leitura de Vitória da Conquista, na Bahia ou ainda a Jornada de leitura de Passo Fundo, exemplos que certamente vão balizar e nos orientam no sentido da busca do caminho próprio de uma política para a leitura na cidade de Nova Friburgo.

Ainda em fase inicial de implantação, com apenas alguns meses de funcionamento, essa política teve início com ações diretas de oficinas de contação de histórias, círculos de leitura, que são na verdade mobilizadoras da sociedade, como num convite àqueles que queiram se juntar à secretaria nessa empreitada, sejam eles os que gostam de ler, os novos leitores, os que contam e ouvem histórias e aqueles que a partir de novas práticas e incentivos estão por descobrir a mágica transformadora da leitura.

Francisco Gregório Filho

Outubro de 2010

(com a licença do prefeito titular por motivo de saúde e a posse do vice-prefeito de Nova Friburgo, toda a equipe foi exonerada e o trabalho interrompido ainda em fins de outubro)

A curiosidade pelos arquivos

Francisco Gregório Filho

Outro dia fui procurado por um grupo de jovens muito curioso e interessado em conhecer minha biblioteca e meu arquivo pessoal.

Curiosidade para conhecer e fazer uma leitura própria sobre meus rascunhos, borrões, recortes e rabiscos, enfim, meus guardados. Tinham interesse também em minhas correspondências, fotografias e agendas pessoais. Uma professora pesquisadora havia estimulado esse grupo de alunos para uma experiência nesse sentido.

Gostei muito de receber e entabular uma conversa com esse grupo inteligente sobre os conceitos que embasam teoricamente as práticas de produção de memória pessoal, social e política. Fiquei surpreso com rapazes e moças tão jovens e já com tanta bagagem de informação sobre os procedimentos mais pertinentes a serem adotados frente ao material a ser recolhido sobre a vida e o trabalho de um escritor – seu arquivo pessoal. Mais perplexo ainda fiquei com o que já tinham recolhido sobre minha produção e minha atuação como militante cultural.

A etimologia da palavra arquivo nos remete à idéia de traçar um caminho a ser percorrido por outros, muitos direcionamentos os quais devem ser seguidos:

> "a palavra arquivo guarda na sua origem grega, o sentido de palácio, residências dos principais magistrados. Por isso a origem semelhante arconte (nome que designa os magistrados da antiga Grécia). O verbo grego do qual se origina a palavra significa 'ir à frente, guiar'. Daí também archote que ilumina, que abre caminho." (Cury, 1993, p.87)

Claro que me dispus encantado a conversar com esses curiosos jovens e a beber de suas sabedorias. Trouxeram-me reflexões sobre a importância desses exercícios que transpus para a vida social e cultural de uma cidade.

> "O estudo em arquivos ou acervos nos reitera que voltar os olhos para a releitura do passado adquire sentido se o nosso olhar nos trouxer também uma compreensão iluminadora do presente. E como a pesquisa em arquivos, mais do que qualquer outra, pressupõe a mão que recorta e re-une, mais do que qualquer outra também encerra, em mosaico, a memória e a história do pesquisador e da crítica de forma mais explícita." (Cury, 1993, p. 88)

Bom, caros leitores, com essas conversas com o grupo vou aprendendo de forma prazerosa a perceber melhor novas redes de relações com os amigos, os espaços em que moramos, trabalhamos ou frequentamos. Aos poucos vou pensando se devo mesmo abrir meus arquivos para estudos como esse, mas devagar e cheio de dúvidas e a me perguntar se de fato há importância nesses meus guardados. Minha biblioteca é pequena e meus arquivos, numa desordem organizada, creio não são grande coisa. Evidente que reúnem peças singulares para contar minha história pessoal

> "Reler os arquivos e acervos é fazer ecoar as vozes, de novo cheias de juventude, dos escritores, embora já carregadas dos timbres da produção futura já conhecida do leitor. Pode significar adentrar a pessoalidade do escritor, na forma como organizou sua biblioteca, nos objetos que conservou, nos bilhetes de teatro que guardou e que nunca são mudos para o olhar atento que os escolhe e relaciona. Fazer falar a fontes é voltar o olhar para as ruas das cidades em cujos calçamentos ainda ressoam os passos de escritores e intelectuais e os seus sonhos de mudança. É procurar ouvir o murmúrio dos que lotavam as salas de teatros e cinemas, dos que acompanhavam com paixão a leitura de manifestos, dos que riram com os espetáculos de circo. É de novo ouvir o aplauso do público ou acompanhar pela imprensa o percurso de determinada palavra." (Cury1993, p. 90)

É, amigos leitores, será que os senhores e as senhoras permitiriam que esses jovens tivessem acesso aos seus arquivos e memórias e produzissem uma leitura crítica sobre seus "*coisários*" tão bem guardados por vocês?

Leituras sugeridas:

A pesquisa em acervos e o remanejamento da crítica, de Maria Zilda Ferreira. Editora Manuscrítica, São Paulo, 1993

História e Memória, de Jacques Le Goff. Editora da Unicamp, Campinas, 1990.

Guilherme Augusto Araújo Fernandes, de Mem Fox, da Brinque-Book, São Paulo, 1984.